

A reescrita do histórico como estratégia de resistência: Toni Morrison e Eliana Alves Cruz em perspectiva

Arthur Fernandes Dantas de Oliveira (IFPB, Campus Picuí), Enzo Dantas da Silva (IFPB, Campus Picuí), José Aldo Ribeiro da Silva (IFPB, Campus Picuí)

E-mails: fernandes.arthur@academico.ifpb.edu.br, enzo.dantas@academico.ifpb.edu.br, jose.aldo@ifpb.br.

Área de conhecimento (Tabela CNPq): Linguística, Letras e Artes

Palavras-chave: Literatura; afrodescendência; transcrita afro-diaspórica.

1. Introdução

A expansão imperialista dos países europeus difundiu perspectivas capitalistas com amplas consequências histórico-culturais para os territórios nos quais o colonialismo se instalou. Sob o alibi de expandir a fé cristã e propagar um ideal de civilização estabelecido como referencial de progresso, os colonizadores invadiram territórios inteiros e empenharam-se na dizimação de comunidades indígenas, naturalizando a barbárie em relação a grupos étnicos cuja humanidade não era reconhecida aos olhos do império. Dessa situação resulta não somente o genocídio de populações minorizadas pelas relações de poder, mas a negação de direitos básicos, como o acesso à educação formal, aos sujeitos subalternizados sobreviventes desse processo – ações cujo legado se perpetua mesmo após a conquista da independência política dos países colonizados e que têm como resultado a manutenção de relações de opressão em meio às novas formas de organização social impostas pelas ações colonizantes.

Colocando em cena um projeto de dominação que ambicionou a expansão de culturas grafocêntricas, o colonizador converteu a escrita da História em um dos principais mecanismos de exercício e manutenção de poder nos espaços colonizados. Por conseguinte, a leitura e o manuseio de livros, por muito tempo, foram benesses asseguradas a um pequeno grupo quase que exclusivamente composto por homens brancos, para quem estavam reservadas as posições de mando dentro da organização administrativa instituída nas colônias. Se, como já ficou dito, o acesso à educação formal por parte dos naturais da terra não era preocupação do colonizador e as principais engrenagens da nova organização social, edificada via colonização, se moviam por intermédio de registros escritos, os grupos para os quais era negado o direito à alfabetização ficavam automaticamente impedidos de exercer a cidadania e, o que é ainda pior, reféns de narrativas compostas pelas mãos de seus algozes. Disso resulta a ascensão daquilo que a escritora nigeriana Chimamanda Adichie chama de “perigo da história única” (Adichie, 2009), haja vista o monopólio de um espaço de recordação (Assmann, 2011), considerado basilar em muitas sociedades, por uma pequena parcela da população ocupante de posições hegemônicas.

No âmbito dos discursos de reivindicação de espaços de recordação suprimidos pelas relações coloniais, a arte literária, como não poderia deixar de ser, assume posição de destaque, uma vez que consegue visibilizar conflitos presentes em várias esferas discursivas sem precisar abdicar da expressão dos afetos que atravessam o humano em suas mais variadas formas de relação, como ocorre em outros tipos de discurso, como o científico, por exemplo – em que o compromisso com o documental frequentemente se sobrepõe à dimensão sentimental que constitui os sujeitos históricos.

Nesse contexto, as escritas ficcionais de Toni Morrison (2007) e Eliana Alves Cruz (2018) assumem lugar de destaque. Oriundas de países marcados pela colonização europeia, em que as investidas subalternizantes do imperialismo ainda disputam espaço com as lutas para superar as sequelas do colonialismo, as autoras se encarregam de romper silêncios históricos para desenvolverem projetos literários que dão conta da exposição de perspectivas sociais silenciadas pelas relações de opressão e poder. Ao assumirem esse compromisso ético com suas comunidades de origem, incumbem-se da tarefa de revisitar o passado através da ótica dos “condenados da terra” (Fanon, 1968) desenvolvendo um trabalho intelectual alinhado com o que Roland Walter (2009) denomina “transcrita afro-diaspórica”. Suas narrativas se aproximam ao reivindicarem campos de enunciação para grupos étnicos afrodescendentes que, ao se depararem com o imperativo de migrar forçosamente e/ou lidar com desigualdades sociais, passaram a adotar a incorporação de saberes e práticas culturais de proveniências várias, de forma consciente ou não, como estratégias de sobrevivência em meio aos contextos de coerção e violência com os quais foram obrigados a conviver – em um gesto que, em consonância com as postulações teóricas de Fernando Ortiz (1963) e Ángel Rama (2001), poderíamos chamar de transculturação.

Tendo em vista tais constatações, alguns questionamentos se impõem: De que forma cada uma das escritoras citadas dialoga com a história de seu país? Até que ponto os seus textos ficcionais convergem ao revisarem acontecimentos históricos que estão na base da formação de comunidades afro-diaspóricas? Quais as semelhanças e divergências entre as suas abordagens da escravização da população negra?

Na tentativa de aclarar essas questões, este projeto propõe um estudo comparativo das narrativas *Amada* (2007), de Toni Morrison, e *O Crime do Cais do Valongo* (2018), de Eliana Alves Cruz. Espera-se, mediante a realização de uma análise comparativa entre as obras, contribuir para a ampliação da fortuna crítica das escritoras e ampliar o entendimento a respeito da tematização de acontecimentos históricos nas ficções afro-diaspóricas.

2. Materiais e métodos

A pesquisa desenvolvida teve viés qualitativo e caráter bibliográfico, como costuma ocorrer nos estudos literários. Para a sua execução foi fundamental a leitura de textos que problematizam as relações entre histórico e ficcional. Nesse contexto, ressalta-se a importância dos trabalhos de Luiz Costa Lima publicados nos livros *História, Ficção, Literatura* (2006) e *Mimesis e a reflexão contemporânea* (2010). Além do estudo de Wolfgang Iser (2002), publicado sob o título de “Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional”.

Para tratar especificamente da reescrita do histórico por meio da ficção, foi necessária a leitura do livro *Afro-América*, de Roland Walter (2009), obra em que o autor desenvolve o conceito de transescrita afro-diaspórica, adotado nesta pesquisa como principal base teórica para as análises literárias propostas.

O amadurecimento crítico proporcionado pelo debate desses conceitos possibilitou a análise dos romances *Amada* (2007), de Toni Morrison, e *O crime do cais do Valongo* (2018), de Eliana Alves Cruz, eleitos objetos de investigação no presente estudo.

É importante ressaltar que, por se tratar de uma pesquisa de iniciação científica de nível técnico (Pibic Jr.), os textos teóricos mais densos foram apreciados com a mediação do professor orientador do trabalho, que atuou como facilitador das reflexões suscitadas pelas obras.

3. Resultados e discussão

Os séculos XX e XXI são marcados pelo fortalecimento de movimentos sociais que reivindicam a expressão dos anseios de comunidades por muito tempo subalternizadas e lutam pela garantia dos princípios básicos chancelados pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, promulgada em 1948. Nesse contexto, a luta pelo reconhecimento de culturas marginalizadas, a busca por espaços de enunciação para grupos socialmente minorizados, a elaboração discursiva de traumas coloniais e a denúncia de situações de violação de direitos fundamentais do cidadão assumem lugar de destaque na produção intelectual de escritores das mais diversas nacionalidades. É esse o cenário que estimula o surgimento das obras das duas intelectuais que mobilizaram a elaboração deste projeto. Ao mesmo tempo, o estudo das textualidades ficcionais por elas produzidas contribui para um melhor entendimento das transformações sociais ocorridas no período de tempo referido.

A escritora afro-americana Toni Morrison e a autora afro-brasileira Eliana Alves Cruz compõem acervos literários que revisitam as memórias da escravidão a partir da ótica afrodescendente. Suas escritas notabilizam-se por reivindicarem espaços de enunciação para os descendentes de populações escravizadas, colocando no centro da cena literária as vozes silenciadas pelo colonialismo europeu. Em seus textos, sobressaem-se perspectivas sociais de mulheres negras, vítimas de subalternização, não só pelo racismo vigente em suas épocas, mas por questões de gênero. É digno de nota, nesse sentido, o alinhamento entre as inquietações expressas pelos textos literários compostos pelas duas romancistas. Todos esses fatores conferem aos seus escritos um caráter transescritural (Walter, 2009), uma vez que são produções intelectuais que, a partir de condições de produção que consideram a vulnerabilidade social da população afro-diaspórica, dialogam com os discursos históricos considerados oficiais para questioná-los.

Toni Morrison, primeira mulher negra a ser laureada com o Prêmio Nobel de Literatura, é autora de uma vasta obra, que compreende contos, peças teatrais, ensaios e romances. No conjunto de sua produção, ao tratarmos da reescrita do histórico pelo viés ficcional, o romance *Amada* (2007) é digno de ênfase, por estar ambientado na década de 1870, período em que os Estados Unidos começavam a encarar os danos provocados pela escravidão recém-abolida. A narrativa comporta idas e voltas no tempo e expõe as feridas abertas da escravidão por meio da ótica dos oprimidos, em especial por intermédio das impressões de uma mulher escravizada, o que contribui decisivamente para visibilizar perspectivas sociais silenciadas pelas relações de poder.

Um projeto literário semelhante vem sendo conduzido por Eliana Alves Cruz, autora afro-brasileira que se dedica predominantemente à produção de narrativas e vem ganhando destaque nas últimas décadas. Em sua efervescente escrita, merece destaque, pelo diálogo intenso que estabelece com o histórico, o romance *O crime do Cais do Valongo* (2018), que é narrado por um livreiro mestiço e por uma moçambicana escravizada no Brasil e tem como espaço de ambiência o Rio de Janeiro em um contexto marcado pela discriminação racial. Por tudo isso, a obra ocupa um espaço singular no conjunto das letras produzidas no Brasil, pois confere voz aos subalternizados ao visitar um período histórico importante para a formação do país.

Tendo tudo isso em vista, é possível afirmar que as escritas de Morrison (2007) e Cruz (2018), apesar de compostas em diferentes países – Estados Unidos e Brasil –, aproximam-se do ponto de vista temático, ao refletirem sobre os impactos da escravidão, e do ponto de vista ético, ao se posicionarem contra discursos históricos considerados oficiais ao longo da trajetória de seus lugares de origem.

4. Considerações finais

A análise dos romances *Amada* (2007) e *O Crime do Cais do Valongo* (2018) revela a produtividade da adoção do conceito de transescrita afro-diaspórica, desenvolvido por Roland Walter (2009), como fundamentação teórica para o estudo de diferentes obras compostas por autores e autoras afrodescendentes. Além disso, demonstra como a preocupação em dialogar com o histórico, e questionar o monopólio representacional que por muito o tempo lhe caracterizou, apresenta-se como tensão relevante para o desenvolvimento da trajetória escritural das intelectuais que experimentaram as migrações forçadas pela escravidão ou têm experiências de vida influenciadas pelo seu legado.

Em termos gerais, a leitura das obras escolhidas como objetos de estudo demonstra como o interesse em conferir voz para a população escravizada impõe-se como uma demanda importante na escrita literária de diferentes países ao longo dos séculos XX e XXI. Entre o final do século XX, período em que Morrison inicia sua trajetória na literatura, e o início do XXI, momento em que Eliana Alves Cruz adquire notoriedade na cena artística brasileira, muitos autores empenham-se em romper o silenciamento imposto aos africanos escravizados, e é esse um esforço que alinha a produção das duas autoras, demonstrando o seu pertencimento a um projeto artístico que, por sua grandeza, transcende fronteiras e períodos históricos.

5. Agradecimentos

Ao Instituto Federal da Paraíba, pela concessão de apoio financeiro para a execução desta pesquisa.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- CARVALHAL, Tânia F. **Literatura comparada**. S. Paulo: Ática, 2010.
- COSTA LIMA, Luiz. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- COSTA LIMA, Luiz. Introdução geral. In: COSTA LIMA, Luiz (Org.). **Mímesis e a reflexão contemporânea**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010. p. 7- 49.
- COSTA LIMA, Luiz. **Mímesis e modernidade: formas das sombras**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- CRUZ, Eliana Alves. **O Crime do Cais do Valongo**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012.
- FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Trad. José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 1968.
- FIGUEIREDO, Eurídice. **A literatura como arquivo da ditadura brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.
- GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- GLISSANT, Édouard. **Poética da Relação**. Tradução Manuela Mendonça. Porto: Sextante Editora, 2011.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2013.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. História, Teoria, Ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa (org). **Teoria da literatura em suas fontes**. Vol. 2. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 955- 987.
- MATA, Inocência. **A literatura africana e a crítica pós-colonial**. Reversões. Col. Ensaio n. 40. Luanda: Editorial Nzila, Setembro de 2007.
- MORRISON, Toni. **Amada**. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- NITRINI, Sandra. **Literatura comparada**. 3.ed. São Paulo: EDUSP, 2010.
- ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del tabaco y del azúcar**. Havana: Consejo Nacional de Cultura, 1963.
- PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**. Relatos de viagem e transculturação. Trad. Jézio Hernani Bonfim Guerra. Bauru: EDUSC, 1999.
- RAMA, Ángel. **Ángel Rama: Literatura e cultura na América Latina**. AGUIAR, Flávio; VASCONCELOS, Sandra (Orgs.). Trad. Raquel la Corte dos Santos e Elza Gasparotto. São Paulo: EDUSP, 2001.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A virada testemunhal e decolonial do saber histórico**. Campinas: Editora da Unicamp, 2022.
- WALTER, Roland. **Afro-América**. Diálogos literários na diáspora negra das Américas. Recife: Bagaço, 2009.